



A LITERATURA INFORMAL AINDA É CINZA?

Solange Puntel Mostafa *
Marisa Terra**

La comunicación científica está en medio de una revolución tecnológica que la transforma. A partir de un análisis de las relaciones interdependientes entre canales de comunicación y los contenidos que estos vehiculizan, se revisan los conceptos "literatura gris", "canales formales e informales" y "colegio invisible".

Durante as últimas décadas aprendemos através da teoria da ciência da Informação que a literatura cinza ou cinzenta era uma literatura de circulação restrita: as teses, os relatórios, material de conferências, textos enfim que, de tão escondidos e pouco circulados receberam a denominação de "cinzentos" ou "cinzas" por estarem em meio a penumbra impossibilitando a nossa clara visão.

Aprendemos também dentro da tipologia documental que essa literatura é uma literatura informal porque pouco filtrada ainda pelos pares acadêmicos. Mais uma razão para a sua cor cinza por oposição à literatura branca, mais filtrada, mais refinada. Tudo isso está merecendo revisão de conceitos. A internet deu grande visibilidade a essa literatura. Aliás esse é um dos pontos fortes da Internet. Não é mais verdade que essa literatura está escondida. As nuvens desapareceram. O céu clareou. Agora ficou tudo visível. É tempo de visitar velhos conceitos.

Nos clips eletrônicos, nas listas de discussão, em newsletters eletrônicas evidencia-se a máxima de MacLuhan: o meio é a mensagem.

Não é de somenos importância analisarmos as relações entre o canal de comunicação e o conteúdo veiculado por ele. Tudo indica que são relações interdependentes: dependendo do canal, a mensagem é tal ou qual e vice e versa: um comentário ou discussão realizados num canal semi informal como as dissertações e teses acadêmicas ou em canais formais como os artigos de revistas especializadas assumem uma estrutura e um conteúdo diferentes do que se estiverem sendo veiculados em canais informais como as conversações orais ou mesmo nesta vertente das listas de discussão.

(*) Professora Doutora Titular de Ciencia da Informacao da Puc-Campinas, SP – Brasil.

(**) Mestre em Biblioteconomia pela Puc-Campinas e bibliotecária da Un. De Guarujá, Santos - SPMat@ccbeunet.com



LISTAS DE DISCUSSÃO: NEM PURA ORALIDADE, NEM PURA FORMALIDADE.

As listas de discussão não são nem pura oralidade como as conversações nem pura formalidade como os artigos de revistas.

Tudo indica que o comportamento das mensagens e de seus autores esteja ligado à especificidade dos canais de comunicação.

Escrever é um ato formal de comunicação quando se está diante de leitores abstratos, potenciais. Nas listas de discussão os processos de leitura e escrita acontecem quase no mesmo movimento: os leitores da lista são também seus autores de forma que aí nada é abstrato; conhece-se, quem é quem, o que torna a comunicação a um só tempo direta e indireta. Direta no sentido em que um clique do mouse coloca todos os participantes da lista em contato com a mensagem; por isso mesmo, não se diz tudo o que é pertinente ao tema, especialmente se se tem pontos de vista discordantes: comunicação indireta, portanto.

Isso explica talvez a pergunta levantada por Araújo e Freire (1996, p.53), a qual problematizamos: "Seria a Internet um canal formal de comunicação informal?"

Lista de discussão é a expressão usada universalmente conceituada para a comunicação semi-formal da Internet. Em sentido lato, discussão, no caso das listas tem sido tomada como sinônimo de conversa, comunicação, interação.

A diferença é que essa conversa ou comunicação ou interação, no caso das listas de discussão são sempre referentes a um tema específico que dá inclusive nome à lista.

A especificidade das listas de versarem sempre sobre um tema particular que as coloca como "discussão" teórica ou técnica não destipifica a discussão.

"Nas perspectivas dos canais de comunicação de informação a Internet tem dupla função: permite ligação entre pessoas, de forma livre ou em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo que oferece acesso a documentos como um serviço de informação [como] uma biblioteca faria". (Araújo & Freire, 1996, p.53). "Seria a Internet um canal formal de comunicação informal?". A pergunta explorada por Araújo & Freire (idem) as quais entendem que um colégio invisível começa a se delinear no ciberespaço, faz uma observação importante: os canais informais teriam sido sempre "relegados" a um segundo plano, devido ao volume assustador crescente de publicações técnico-científicas.

O advento da Internet muda esse caráter de irrelevância da comunicação informal;

Se esta comunicação já foi um dos primeiros resgates da Ciência da Informação, hoje, estudar este processo de comunicação torna-se segundo a mesma autora, "um problema relevante para a pesquisa na área da Ciência da Informação" (Araújo & Freire, 1996, p.52). Há autores, inclusive que são radicais entendendo a Internet como um "caso" ou "problema" de comunicação entre pessoas. (Steingenbeg, apud Weinberg 1996).



Entendemos que o aspecto de comunicação da rede é fundamental; porém, ele não deve ser desvinculado do aspecto de repositório ou de referência no qual se tornou a Internet: a rede é um imenso repositório de informação.

Aqui preferimos dialetizar a relação entre repositório e comunicação informal ou entre pessoas. Como observa Mostafa (1997, p.34) "as coleções bibliográficas são vozes vivas de corpo presente". Significa que desenvolver coleções é desenvolver grupos de discussão para elas. (Nota-se a expressão "Desenvolvimento de Coleções", expressão já consagrada na literatura internacional de Biblioteconomia de Ciência da Informação, sendo título de disciplina curricular).

Essas colocações confirmam o questionamento proposto por (Araújo & Freire, 1996) se a Internet é um canal formal de comunicação informal condensa, talvez, os dois importantes aspectos da rede, repositório e comunicação. Esta dupla função da Internet de repositório e comunicação, permite ligação entre pessoas de forma livre (nos chamados chats ou bate papo) ou em relação a temas de interesse, ao mesmo tempo que se torna um repositório de informações documentais acessíveis como uma biblioteca ou um sistema de informação. Também no âmbito internacional as conferências eletrônicas ou lista de discussão, têm sido comparadas a uma biblioteca onde se vai buscar informação, ler e pensar; um seminário conferência ou salão onde há um debate informal de idéias com colegas. (Gresham, 1994).

Como Harnard (1993, p.85) bem argumenta as listas de discussão "prometem restabelecer a velocidade da comunicação acadêmica na razão da velocidade do pensamento".

A comunicação acadêmica está no meio de uma revolução tecnológica. Muito tem sido publicado visando a mudança da comunicação formal da rede seguida à mudança do impresso para a revista eletrônica (Robinson, 1993). Algumas considerações têm sido feitas na transformação da comunicação informal acadêmica em redes de computadores mediados, entretanto, o impacto da tecnologia em rede informal de comunicação acadêmica ou "colégio invisível" merece atenção pelo fato, destas mudanças na comunicação acadêmica estarem ocorrendo mais rapidamente ao longo deste canal informal. A comunidade acadêmica e a indústria de publicações tem sido lentas ao repor revistas impressas com publicações eletrônicas como uma mídia de comunicação acadêmica formal, no entanto com o uso do correio eletrônico e discussões de grupos em linha a comunicação informal de acadêmicos cresce com rapidez. A transformação de comunicações acadêmicas informais já começou e a academia é o estágio inicial da transferência do colégio invisível em colégio do ciberespaço como uma nova forma de pesquisa informal na rede.

Desde Price, a colaboração informal e comunicação através de colégios invisíveis é comumente aceita como pré-requisito essencial para a publicação formal e disseminação de avanços nos conhecimentos científicos.



Esta rede informal de comunicação proporciona um fórum para compartilhar e testar novas idéias através de feedbacks e discussões onde a troca interdisciplinar de idéias emerge ao longo de periféricos e interconexões do colégio invisível. Cronin apud Gresham (1994) aponta para esta geração e explosão de novas idéias como chave de contribuição do colégio invisível na expansão do conhecimento, especialmente nas ciências sociais. Através desta rede informal também são trocadas informações práticas sobre pesquisa.

Cronin (1982) também considera as seguintes vantagens no colégio invisível em contraste com o canal formal de comunicação acadêmica: há uma especialização de informação; oportunidade para feedback e idéias em desenvolvimento, e possível transmissão interdisciplinar de idéias. Já as desvantagens do colégio invisível como meio de comunicação acadêmica inclui o elitismo restritivo natural da rede. Um colégio invisível é uma rede social geralmente composta por 100 ou mais indivíduos onde o acesso é fechado e a seleção dos membros é rigorosa com o número de trabalhos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros (Gresham, 1994)

Na conclusão de sua pesquisa Cronin (1982) observa o potencial existente para conferências computadorizadas surgirem como um novo meio de comunicação acadêmica informal mas não prevê nenhuma drástica mudança no colégio invisível, além da introdução de comunicação mediada por computadores. Já Hiltz & Turoff apud Gresham (1994) sugerem que as redes eletrônicas podem levar o colégio invisível a ter uma forma mais aberta, com ampla participação na permuta de informação e mais rápido desenvolvimento de paradigmas entre especialistas, aumentando a comunicação interdisciplinar entre estes.

Desde Price os colégios invisíveis da Big Science são móveis e internacionalizados. Hoje, passados 30 anos daquelas constatações, os colégios invisíveis ficaram mais presentes e visíveis. Estão na mídia e aparecem em todas as revistas de notícias de circulação nacional e internacional. Nem tanto pela cobrança da sociedade nos investimentos que faz. Não. Os cientistas estão na mídia porque tudo virou espetáculo na pós-modernidade. Por que não exibir mais um show de estrelas?

A visibilidade dos colégios invisíveis do ano 2000 vai se dando não apenas porque o cientista virou mais uma estrela da pós-modernidade. Também porque a tecnologia da Internet agora deixou mais transparente o céu de estrelas. A literatura cinza tornou-se colorida, podendo, em muitos casos assumir também a cor branca da literatura formal.

Todos os autores da década de setenta como Price (1963), Ziman (1968), Latour (1997) ou Thomas Kuhn tematizaram a comunicação científica em termos da distinção entre literatura formal e informal. Fizeram-no numa época em que não existia Internet, apesar da noção de rede acadêmica já estar presente em Price no famoso artigo "Network of scientific papers". Bruno Latour, o antropólogo francês, ao observar o laboratório americano chega a definir o laboratório como "instância de inscrição literária" corroborando a tese da comunicação formal e escrita. Nenhum desses importantes autores negou a comunicação informal. Aliás, no caso de Price houve até a "descoberta" do colégio invisível na constatação



do saturamento da ciência já na década de 60. Price defende a tese central de que a ciência cresceu exponencialmente do século 17 até o século 20, crescimento que por ser exponencial, saturou e tornou-se logístico. Em meados da década de 60 a saturação do crescimento da ciência já era um dado plotado em gráficos e curvas no mais famoso livro da década chamado "Little science...big science and beyond". A saída para o problema foi a constatação da proliferação das conferências e dos colégios invisíveis. É quando Price volta-se para o século 17 e constata o mesmo fenômeno do colégio invisível (as cartas iluministas de Newton) concluindo: a ciência sempre foi explosiva; os colégios invisíveis sempre existiram. Lá no século 17 as cartas apareceram por causa do excesso de livros. Aqui no século 20 as conferências apareceram por causa do excesso de revistas.

Há uma questão importante aí para ser discutida: até que ponto a ciência continuará a ser a representação privilegiada do real? A proximidade dos escritos científicos com as outras literaturas deixará a ciência intacta? A velocidade de acesso à literatura científica e o fato dela estar disponível em uma mesma estação de trabalho que também disponibiliza outros escritos de natureza variada, essa proximidade deixará intacta a natureza da literatura científica? Literatura branca, cinza ou colorida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, V.M.R.H. de FREIRE, Isa M. (1996). A rede Internet como canal de comunicação, na perspectiva da Ciência da Informação. *Transinformação*, 8(2): 45-55.

CRONIN, B. (1982). Progress in documentation: invisible college and information transfer; a review and commentary with particular reference to the social sciences. *Journal of Documentation*, (38): 212-236.

HARNARD, S. (1993). The post-Gutenberg galaxy: The fourth revolution in the means of production of knowledge. In: Mason, R. Computer conferencing: the last word. Original publicado no The Public Access Computer Systems Review (Online) 2(1): 77-89. Available e-mail: LISTSERV@uhupvm Message: get HARNARD PRV1N2.

HILTZ & TUROFF Apud GRESHAM JR., J. L. (1994). From invisible college to cyberspace college: computer conferencing and the transformation of informal scholarly communication networks. *Interpersonal computing and technology: an electronic journal for the 21 st century*. (Online). 2(4): 37-52. Available <http://www.helsinki.fi/science/optek/1994/n4/gresham.txt> 2(4): 37-52. Available <http://www.helsinki.fi/science/optek/1994/n4gresham.txt>

MOSTAFA, S. P. (1997b) O PROIN da Puccamp. *Transinformação*. 9(2): 32-34 . <http://www.puccamp.br/~biblio>